

O Manejo Grupal na Formação do Musicoterapeuta: contribuições da Interdisciplinaridade no Ensino

ESPERIDIÃO, Elizabeth¹

bethesper@yahoo.com.br

CRAVEIRO DE SÁ, Leomara²

leomara.craveiro@gmail.com

RESUMO: Este trabalho objetiva apresentar uma experiência interdisciplinar na formação do musicoterapeuta, na perspectiva de instrumentalizá-lo para atuar no manejo grupal. Com base em uma proposta de ensino interdisciplinar, a disciplina Dinâmica do Relacionamento Humano, parte da grade curricular do Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, é conduzida de modo a valorizar o processo do próprio grupo e de seus integrantes, oportunizando ao aluno o desenvolvimento de sua competência intra e interpessoal, incluindo o fortalecimento emocional e de valores ético-humanistas, essenciais aos profissionais que atuam na área da Saúde. Os resultados obtidos ao longo dessa parceria, que já perdura por quatro anos, reforçam a idéia da importância de uma formação que privilegie situações de aprendizagem pautadas em atitudes criativas, crítico-reflexivas e transformadoras.

Palavras-chaves: Manejo Grupal; Musicoterapia; Educação

Enquanto educadoras, preocupa-nos como tem sido a formação dos profissionais de Saúde, especialmente nesse momento em que surgem novos paradigmas assistenciais cujas demandas apontam para a necessidade de serem bem preparados, não somente do ponto de vista técnico, mas, acima de tudo, do ponto de vista humano.

Certamente, o ensino das profissões de Saúde deverá passar por profundas mudanças nas próximas décadas, pois já se evidenciam sinais de esgotamento, exigindo a construção de novos modelos de formação e capacitação de recursos humanos em saúde (Machado et al., 1997). Assim, entendemos que é preciso criar oportunidades durante o período em que o aluno está no meio acadêmico, contemplando aspectos que lhe possibilitem o fortalecimento emocional, levando em conta que, via de regra, encontra-se

¹ Doutora em Enfermagem Psiquiátrica. Psicóloga Gestalt-terapeuta. Professora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás – UFG.

² Doutora em Comunicação e Semiótica. Musicoterapeuta clínica. Professora da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás – UFG.

exposto a situações ansiogênicas decorrentes das especificidades de sua atividade ocupacional, das condições de trabalho e, inevitavelmente, dos fatores sócio-econômico-culturais que interferem no seu ofício.

Nesse sentido, o aparelho formador deve deixar de priorizar estritamente a qualificação técnica e possibilitar o desenvolvimento, entre outras, da competência interpessoal de seus alunos, em aprender a aprender, a refletir criticamente, a trabalhar em equipe, a solucionar problemas, dando-lhes subsídios para transitarem bem equipados nas relações que estabelecerem. É de fundamental importância contemplar questões voltadas ao autoconhecimento, expressão/comunicação, relacionamento intra e interpessoal, de forma a tornar o profissional mais comprometido com o atendimento dispensado às pessoas a quem assiste e, também, de resgatá-lo em sua própria humanidade.

As experiências pelas quais os alunos passam durante sua formação acadêmica são, inegavelmente, relevantes para o êxito do exercício profissional e, muitas vezes, nem mesmo os próprios educadores se dão conta da influência que exercem neste sentido. Em recente estudo, Esperidião (2001) evidencia alguns aspectos apontados pelos alunos que enfatizam a importância do papel do professor para o aprendizado de atitudes no desempenho de suas atividades. Não raramente a figura do professor desponta como referência para o perfil profissional que está sendo construído.

Diante desse quadro, nós, educadores, revelando uma atitude coerente entre sentimentos, pensamentos e ações devemos buscar estratégias de ensino que extrapolem o simples repassar conhecimento, despertando uma consciência crítico-reflexiva no aluno que, possivelmente, ajudará a alicerçar sua prática profissional. Para tanto, acreditamos que a formação deva privilegiar situações de aprendizagem pautadas em atitudes criativas e transformadoras.

A partir dessas considerações, partimos para uma proposta interdisciplinar na formação do musicoterapeuta, na perspectiva de instrumentalizá-lo para atuar em processos grupais. Assim, temos por objetivo apresentar reflexões oriundas da experiência das autoras ao longo dos últimos cinco anos (2002-2006) no Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás.

A interdisciplinaridade na formação do musicoterapeuta: uma experiência

*Diante do colar
– belo como um sonho –
admirei, sobretudo,
o fio que unia as pedras
e se imolava anônimo para que todos fossem um
(Dom Helder Câmara).*

Considerando-se que o profissional musicoterapeuta, em sua prática clínica, depara-se constantemente com processos musicoterápicos grupais, na medida em que várias áreas de aplicação da Musicoterapia e diversas instituições conduzem a esse tipo de atuação, torna-se fundamental, no decorrer de sua formação, atentar para questões relacionadas a grupo, sua dinâmica e seus processos internos. São inúmeros os recursos que o musicoterapeuta utiliza em seus atendimentos individuais ou grupais, precisando estar adequadamente instrumentalizado, de forma a dispensar assistência significativa às pessoas que buscam ajuda terapêutica.

Reconhecemos que trabalhar o saber numa perspectiva interdisciplinar é não temer desafios. Para a pesquisadora Ivani Fazenda (apud Nogueira, 1998, p.35), a atitude interdisciplinar é, na realidade, “... uma atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo... atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes...”.

É nesta perspectiva que procuramos concretizar uma parceria pautada na interdisciplinaridade, contando com a participação de uma docente lotada na Faculdade de Enfermagem/UFG, com formação em Psicologia e Enfermagem, cujas experiências na área do comportamento humano e, especificamente, no manejo grupal pudessem contribuir para o desenvolvimento das habilidades relacionais dos alunos do Curso de Musicoterapia. Em contrapartida, a presença da docente com formação em Música e Musicoterapia, nesta mesma disciplina, vem fundamentar as práticas musicoterapêuticas, ressaltando as destrezas necessárias para a atuação do musicoterapeuta em diferentes espaços terapêuticos.

O *setting* musicoterapêutico, na visão de Craveiro de Sá (2003), é um espaço inter-relacional dinâmico onde inexistente a predominância de uma linguagem específica, mas que se caracteriza pela produção de um regime híbrido de signos musicais e não-

musicais: silêncios, sons, músicas, tempos, gestos, corpos, movimentos e palavras que expressam /comunicam, gerando afetos, desejos, idéias, sentimentos, intenções. Sendo assim, a escuta e a análise musicoterápicas são marcadas pela complexidade, pelo imbricamento de signos verbais e não-verbais.

Nos atendimentos terapêuticos individuais já nos deparamos com toda uma complexidade: “... terapeuta e cliente se encontram em um campo de forças, em um campo energético, envolvendo processos visíveis e conscientes, invisíveis e inconscientes” (Ribeiro, 1994, p.16). Em se tratando de processos grupais, tal complexidade apresenta-se amplificada, uma vez que várias expressões, comportamentos e relacionamentos se entrelaçam, se interpenetram, revivendo, em grupo, recortes de experiências de vida dos vários integrantes do grupo.

Refletindo sobre estas questões, o Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás mantém, em sua grade curricular, duas disciplinas oferecidas respectivamente, nos 4º e 5º períodos que tratam, especificamente, da formação do musicoterapeuta voltada para o manejo grupal. Para tanto, num primeiro momento, a disciplina Dinâmica do Relacionamento Humano I objetiva proporcionar fundamentação teórica que facilite a compreensão de aspectos inerentes às interações humanas, nas dimensões intra e interpessoal, identificando fatores que as favoreçam e/ou as dificultem, no âmbito individual e grupal, preparando os alunos para estender e aplicar o conhecimento adquirido às atividades inerentes à Musicoterapia.

Na seqüência, a Disciplina Dinâmica do Relacionamento Humano II apresenta elementos a partir do corpo de conhecimentos da Musicoterapia e da Psicologia, por meio de situações de aprendizagem, orientados pela interdisciplinaridade, neste caso, facilitada pela formação e atuação simultânea de duas docentes. Sustentadas por um referencial teórico que embasa a prática do manejo grupal em Musicoterapia, as docentes procuram, em conjunto com os alunos, compreender o funcionamento grupal, tendo como eixo norteador a experiência processual do próprio grupo de alunos atuantes.

Especificamente, como proposta metodológica no processo de ensino-aprendizagem, adotamos alguns pressupostos da Educação de Laboratório, apresentada por Moscovici (2001), que tem como base o caráter experimental da situação de treinamento. Assim, partindo de uma atividade musicoterápica em grupo, sob a condução dos alunos, ela é processada a seguir, com o suporte das docentes, procurando estabelecer

uma contínua articulação com a teoria encontrada na literatura sobre o processo grupal, a escuta e a análise musicoterápicas, sempre enfocadas com os conteúdos que emergiram na vivência. Simultaneamente, estabelecemos correlações com a realidade vivenciada pelos alunos em seus campos de estágios, fazendo conexões com a realidade. O fluxo do processo vivencial de aprendizagem é apresentado abaixo.

Atividade Análise / Processamento Teorização Correlação com a realidade

As disciplinas objetivam proporcionar uma compreensão da dinâmica do relacionamento humano no enfoque grupal, reconhecendo seus limites e potencialidades, além de planejar, organizar e manter o *setting* grupal adequado ao contexto musicoterápico. Procuram focalizar o desenvolvimento de novas opções e perspectivas para o relacionamento interpessoal eficaz, buscando, principalmente, entender questões relacionadas à condução de grupos, ao papel do coordenador e liderança de grupo, ao planejamento, organização e manutenção de um *setting* musicoterápico grupal.

Nesse sentido, situações vivenciais fazem parte das estratégias de aprendizagem das duas disciplinas acima citadas, de forma a possibilitar a todos os alunos a experiência de coordenação de sessões musicoterápicas grupais, utilizando-se dos recursos da teoria da dinâmica de grupo, reconhecendo e valorizando os aspectos presentes nos processos grupais, na comunicação humana, assim como de teorias que fundamentam a prática do musicoterapeuta. Para tanto, contam com o acompanhamento das docentes no sentido de facilitar a articulação dos recursos específicos deste profissional no planejamento, implementação e avaliação dos atendimentos musicoterápicos ocorridos nos momentos de ensino-aprendizagem. Vale dizer que a análise do processo grupal desenvolvido pelos participantes da disciplina é também discutida entre todos, constituindo-se em oportunidades significativas para o conhecimento de si mesmo e das interações que cada um faz com seus pares no contexto musicoterapêutico.

Visando enriquecer a observação e discussão dos conteúdos que emergem durante o trabalho de grupo, algumas vivências são gravadas em vídeo, para um exercício de análise do ocorrido, procurando atentar para a condução do grupo, funcionamento grupal, emergência de lideranças, vínculos, adequação dos recursos musicoterapêuticos,

escuta e análise musicoterápicas e outros aspectos que mantiverem pertinência ao tema enfocado.

É um processo de construção coletiva do conhecimento, onde os resultados têm sido surpreendentes no que dizem respeito aos processos de desenvolvimento do grupo em si, como de seus integrantes. Notamos, na maioria dos alunos, um aumento da habilidade de se perceber e perceber o outro, no potencial de observação, na criatividade em diversificar recursos da Musicoterapia nas sessões que coordenam e, principalmente, no desenvolvimento da capacidade de escuta e análise musicoterápicas voltadas para o contexto grupal.

Tais ganhos são frequentemente ratificados pelos próprios alunos no decorrer das disciplinas e nos momentos de avaliação das mesmas onde, através de um processo de *feedback*, procuramos ouvir como as situações de aprendizagem propostas têm contribuído para suas atividades de prática clínica em seus estágios curriculares. Vários relatos atestam a importância do que é vivido no contexto das aulas voltados para seus próprios processos de autoconhecimento que facilitam o desenvolvimento de suas competências interpessoais.

Dessa maneira, ao longo de todo o processo de construção, a experiência vivida pelos alunos e professores é valorizada, ratificando a premissa de que o saber deve ser construído sob forma processual onde, apesar de assumirem posições diferentes, podem ocupar o mesmo nível na relação instituída, e juntos podem produzir o conhecimento. Assim, concordamos com Chaves (1993) quando fundamenta o processo ensino-aprendizagem nas relações interpessoais, que pode ser enriquecido de acordo com os papéis sociais entre os envolvidos, sendo aceitos e desempenhados com conformismo e passividade ou com visão reflexiva e crítica, através de ações inovadoras.

Considerações finais

Os resultados obtidos ao longo dessa parceria reforçam nossa idéia, também apontada por Stacciarini & Esperidião (1999), de que é preciso propiciar, no contexto acadêmico, experiências que se tornem significativas e se constituam de aprendizado, para se levar a cabo ao longo da carreira escolhida. Não mais centrar na figura do professor, gerando uma didática quase sempre expositiva e, conseqüentemente, unilateral, o que dificulta o desenvolvimento de reflexões críticas por parte do aprendiz, assimilando o que

lhe é imposto sem grandes questionamentos e, possivelmente, sem muita significância para si, tanto na esfera profissional como pessoal.

Com a intenção de discutir nossa experiência com outros profissionais, temos procurado participar de eventos onde discussões dessa natureza fomentam trocas. Nossa proposta, por seu caráter original e arrojado, tem gerado crescente interesse nos meios que tratam da formação do musicoterapeuta, uma vez que extrapola o aspecto técnico-científico privilegiando o aspecto humano, este último, tão necessário na formação de profissionais da área da saúde. (CRAVEIRO DE SÁ & ESPERIDIÃO, 2004a e b).

A experiência aqui apresentada, desenvolvida ao longo desses anos, tem demonstrado que a referida parceria tem oferecido aos envolvidos uma oportunidade de amadurecimento individual e também nas interações do grupo alvo do processo, indicando que podemos investir na formação do musicoterapeuta com métodos de ensino que relevem mais a experimentação, aliando teoria e prática, partindo dos recursos internos de cada um.

Entendemos que, sem dúvida, uma mesma disciplina contar com duas docentes altamente qualificadas em suas respectivas áreas do conhecimento, é um esforço que exige disponibilidade e empenho, além de ser um investimento grande para a instituição de ensino. Entretanto, os ganhos são visíveis. Ao propiciar trocas de saber, numa atitude de cooperação e reciprocidade, os benefícios são percebidos na qualificação dos futuros profissionais e, conseqüentemente, serão percebidos no ato da assistência prestada à saúde das pessoas.

Referências bibliográficas

- BRUSCIA, K. *Definindo Musicoterapia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CHAVES, E. C. O desempenho de Papéis Sociais numa relação de ensino-aprendizado. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.1, n. especial, p. 35-42, dez/1993.
- CRAVEIRO DE SÁ, L. *A Teia do Tempo e o Autista: Música e Musicoterapia*. Goiânia: Ed. UFG, 2003.
- CRAVEIRO DE SÁ, L. & ESPERIDIÃO, E. Dinâmica do Relacionamento Humano em Musicoterapia: uma experiência interdisciplinar. In: *VI Fórum Paulista de Musicoterapia*. Resumo: CD-ROM, São Paulo, 2004a.
- _____. Dinâmica do Relacionamento Humano em Musicoterapia: uma experiência interdisciplinar na formação do musicoterapeuta. In: *IV Seminário Nacional de Pesquisa em Música da EMAC-UFG*, CD-ROM., Goiânia, 2004b.
- ESPERIDIÃO, E. *Holismo só na teoria: a trama de sentimento do acadêmico de Enfermagem sobre sua formação*. 2001. 106f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem

Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

MACHADO, J.L.M.; CALDAS, A & BERTONCELLO, N.M.F. *Uma nova iniciativa na formação dos profissionais de saúde. Interface: comunicação, saúde, educação*, Botucatu, v.1. n.1, p. 147-56, Agosto/1997.

MOSCOVICI, F. *Desenvolvimento interpessoal*. 11. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 2001.

NOGUEIRA, N.R. *Interdisciplinaridade aplicada*. São Paulo: Erica. 1998.

RIBEIRO, J.P. *Gestalt-terapia: o processo grupal – uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística*. São Paulo: Summus, 1994.

STACCIARINI, J.M.R.; ESPERIDIÃO, E. Repensando estratégias de ensino no processo de aprendizagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 5, p.59-66, Dez/1999.